

2020 é última chance de salvar o clima, diz ONU

Categories : [Notícias](#)

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente publicou nesta terça-feira (31) seu relatório anual sobre o tamanho da dívida climática da humanidade. A boa notícia é que, aplicando tecnologias já existentes hoje, o mundo conseguiria chegar a 2030 com grande folga dentro da meta de estabilizar o aquecimento global em menos de 2°C, como recomenda o Acordo de Paris. A má notícia é que um plano global para aplicar essas tecnologias em larga escala precisa começar a ser executado daqui a dois anos – e até agora não há o menor sinal de que isso esteja no horizonte.

O relatório, chamado *Emissions Gap Report*, se destina a medir o tamanho do buraco (“gap”, em inglês) existente entre a ambição das metas climáticas colocadas na mesa pelos países e a trajetória de emissões necessária para evitar que a temperatura da Terra atinja níveis catastróficos neste século.

Há oito anos ele é publicado sempre às vésperas das conferências do clima da ONU, que acontecem entre novembro e dezembro. E há oito anos a mensagem é a mesma: o buraco é imenso e, se todos não começarem a correr, não será possível fechá-lo.

A edição de 2017 mostra que, para ter uma chance maior do que 66% de manter o aquecimento em menos de 2°C sem arrebentar a economia global, a humanidade precisa chegar a 2030 emitindo no máximo 42 bilhões de toneladas de gás carbônico (CO₂) e outros gases de efeito estufa. Em 2016 nós emitimos 51,9 bilhões, o que nos deixa um “buraco” de, no mínimo, 11 bilhões de toneladas de CO₂ equivalente em 2030. E isso se todas as metas nacionais (NDCs) do Acordo de Paris forem cumpridas com régua e compasso. Não parece ser o caso, dado, por exemplo, que os EUA estão dando para trás no seu compromisso.

Para ter mais de 50% de chance de estabilizar o clima em 1,5°C, o “centro da meta” do Acordo de Paris – temperatura acima da qual as geleiras polares poderiam entrar em colapso rápido, condenando as nações insulares ao afogamento –, o nível de emissão necessário em 2030 é menor: 36 bilhões de toneladas. O buraco, portanto, é de pelo menos 16 bilhões.

Para dar ideia do que isso significa, reduzir 11 bilhões de toneladas de CO₂ para ficar nos 2°C equivaleria a zerar emissões de “dois EUA” em 12 anos. Tentar cumprir a meta de 1,5°C equivaleria a zerar emissões de uma China e um Brasil. A atual trajetória de emissões põe a Terra no rumo de um aquecimento de 3,2°C no fim deste século, segundo o Pnuma.

“Já em 2016, os primeiros artigos científicos apontavam que com os compromissos das NDCs ainda ficaríamos em torno de 3°C. Ainda é preciso considerar que muitas propostas, como a

brasileira, não têm ainda detalhamento que assegure que o está lá efetivamente poderá ser alcançado”, disse ao OC a ecóloga Mercedes Bustamante, da Universidade de Brasília, coautora do relatório. “Ou seja, já partimos devendo e sem muita certeza de que os países irão entregar o que está nas NDCs.”

A única solução, segundo o relatório, é partir para um aumento imediato da ambição das NDCs – já em 2020, quando as metas começam a rodar. O Acordo de Paris prevê esse aumento, mas a negociação internacional é famosa por ter um grau de pressa bem menor que o da atmosfera. A primeira conversa sobre o assunto, o chamado “diálogo facilitativo”, está prevista para o ano que vem. E uma revisão das NDCs só está programada para ocorrer a partir de 2023. Vários países, como China e União Europeia, têm suas metas iniciais (fracas) para 2030, quando em tese a humanidade já reveria ter fechado o buraco de emissões. A matemática da atmosfera é, portanto, clara: ou bem se aumenta a ambição coletiva antes do prazo oficial, ou bem tostamos o planeta.

“Perder a opção de revisar as NDCs em 2020 tornaria praticamente impossível fechar o buraco de emissões”, afirmou o Pnuma.

Ferramentas técnicas para isso existem. Pela primeira vez, o relatório do Pnuma trouxe um cardápio de tecnologias que poderiam ser aplicadas a custos baixos (ou negativos) para reduzir emissões. Apenas seis delas – energia eólica, solar, eficiência energética, carros de passeio eficientes, reflorestamento e fim do desmatamento – seriam capazes de reduzir de 15 bilhões a 22 bilhões de toneladas de CO₂ equivalente até 2030. É mais do que o mundo precisa para fechar o “gap”.

O problema é que entre saber o que precisa ser feito e fazê-lo há um fosso mais difícil de transpor do que o de emissões de carbono. Alguns países desenvolvidos, como os da UE, vêm pressionando pelo aumento da ambição coletiva para 2020. No entanto, emergentes como o Brasil insistem, não sem razão, em que não há conversa sobre ambição de corte de emissões sem uma conversa simultânea sobre ambição do financiamento climático.

E no topo de um diálogo que já não era simples de equilibrar sentou-se um elefante: o Partido Republicano dos EUA com Donald Trump. O presidente americano cortou os aportes de seu país ao Fundo Verde do Clima e prometeu tirar os EUA do Acordo de Paris, ampliando a percepção no mundo em desenvolvimento de que alguém chegou ao banquete antes, comeu toda a lagosta e agora quer empurrar a conta.

A 23ª Conferência do Clima da ONU, que começa na próxima segunda-feira (6) em Bonn, na Alemanha, será um termômetro do impacto da retirada dos EUA sobre a confiança internacional. Diplomatas esperam que Fiji, anfitriã da conferência, apresente um plano para o diálogo facilitativo de 2018. Será um teste para a determinação do mundo em acertar as contas com a atmosfera.

[[SVG: logo](#)]

*Republicado do [Observatório do Clima](#)
através de parceria de conteúdo.*

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28809-o-que-e-a-convencao-do-clima/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/25173-impactos-das-mudancas-do-clima-ganham-mapa-interativo/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/16-fatos-marcantes-para-o-clima-em-2016/>